



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**  
**ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES**  
**CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS E INGLÊS**

**MILENA DOURADO RIBEIRO**

**CONTOS DE FADAS: UMA ANÁLISE DOS ARQUÉTIPOS E SEUS EFEITOS NO  
DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

**GOIÂNIA**  
**2025/01**

**MILENA DOURADO RIBEIRO**

**CONTOS DE FADAS: UMA ANÁLISE SOBRE OS ARQUÉTIPOS E SEUS EFEITOS  
NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como um dos requisitos para a obtenção do grau de licenciatura plena em Letras Português-Inglês.

Orientadora: Profa. Ma. Helen Suely Silva Amorim

**GOIÂNIA**  
**2025/01**

**MILENA DOURADO RIBEIRO**

**CONTOS DE FADAS: UMA ANÁLISE DOS ARQUÉTIPOS E SEUS EFEITOS NO  
DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como um dos requisitos para a obtenção do grau de licenciatura plena em Letras-Português.

Orientador/a: Prof<sup>a</sup> M<sup>a</sup> Helen Suely Silva Amorim

Aprovada em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**Banca Examinadora**

**Prof<sup>a</sup> M<sup>a</sup> Helen Suely Silva Amorim/PUC Goiás**  
Orientadora

**Prof<sup>a</sup> M<sup>a</sup> Rosane Maria Isaac/PUC Goiás**  
Leitora

A quem me ensinou sobre o amor que ultrapassa a barreira da vida,  
meu pai. E a quem tenho o privilégio de sentir seu amor em vida,  
minha mãe.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Helen Suely Silva Amorim, minha orientadora, coordenadora e professora, pela dedicação ao me orientar nesse tema que é tão importante para mim e por acompanhar todo o meu curso acadêmico, do início ao fim. Seu apoio e profissionalismo foram fundamentais para que este trabalho fosse realizado. Além de me presentear com sua companhia, que me inspira a ser uma profissional de Letras de excelência.

A Rosane Isaac, por aceitar o convite de ser a Leitora dessa pesquisa. Além de ter sido minha professora no início da graduação, contribuindo significativa e afetivamente na minha carreira.

Ao corpo docente do curso de Letras da PUC-Goiás, por contribuírem profundamente com a minha formação ao compartilharem seus conhecimentos adquiridos em anos dedicados à Gramática, Literatura, Linguística e Educação.

A minha mãe, Eliene Dourado, pela dedicação em me educar e pela compreensão ao me deixar voar quando senti que era o momento. Seu apoio foi o meu maior combustível. Essa conquista não é só minha, é nossa.

Ao meu pai, Álvaro Ribeiro, que sei que os olhos abrilhantariam de orgulho, mas que não tive o privilégio de compartilhar os desafios e vitórias que tive durante a graduação. E que mesmo sem o ver, tenho a certeza de que acompanhou cada momento de perto.

Ao Tio Edilson e a Tia Lena, que além do afeto, também me deram a oportunidade de ingressar em uma universidade tão distante de casa, fazendo com que eu alcançasse meus objetivos.

A minha família, que vence diariamente a dor da distância e não deixa de acreditar no meu potencial.

Aos amigos e colegas que fiz devido à PUC-Goiás. Em especial, Ana Luísa Roure, Ana Clara Teles e Lucas Diógenes, pela parceria que surgiu desde o primeiro dia de aula e por deixarem os últimos anos mais leves com incentivos e descontrações.

A minhas amigas Vitória Rodovalho, Isabela Fleury, Thaís Caixeta, Vanessa Souza e Samyra Auad, por me incentivarem e sempre acreditarem em mim. Além de serem fontes de inspiração que tenho o privilégio de ter por perto.

A minha psicóloga Clara Sullyvan, com quem pude dividir momentos marcantes vivenciados dentro e fora da graduação. Que me orienta no meu processo de autodescoberta e assim me abre caminhos para procurar me tornar uma pessoa e profissional cada vez melhor.

Ao meu professor da educação básica, Valdson Tolentino Filho, que foi minha inspiração durante tantos anos e se tornou incentivo para a escolha da minha graduação.

A Maria Beatriz Porto Santana, que esteve ao meu lado durante todo o processo e viu nascer o meu tema de pesquisa e seu desenvolver. Além de ter acompanhado de perto a maioria das minhas descobertas na área da educação e boa parte das ideias que iluminaram a minha mente nesse período.

Se quiser falar ao coração dos homens, há que se contar uma história. Dessas onde não falem animais, ou deuses e muita fantasia. Porque é assim – suave e docemente que se despertam consciências.

Jean de La Fontaine

## RESUMO

Neste trabalho, investiga-se a importância dos contos de fadas no desenvolvimento emocional, social e psicológico dos indivíduos, com ênfase especial na infância. A partir de uma abordagem interdisciplinar que articula literatura, psicologia e educação, analisa-se como essas narrativas atemporais auxiliam no enfrentamento de conflitos internos, na compreensão de dilemas éticos e no estímulo à imaginação. O estudo concentra-se na análise de contos clássicos como Branca de Neve, examinando seus arquétipos, estrutura narrativa e simbolismos à luz das teorias de Bruno Bettelheim, Carl Gustav Jung, Vladimir Propp e Clarissa Pinkola Estés. A pesquisa busca demonstrar que os contos de fadas operam como ferramentas psicológicas poderosas, oferecendo um espaço simbólico em que crianças podem processar emoções complexas e elaborar seus medos de forma indireta. Assim, intenciona comprovar que essas narrativas constituem verdadeiros mapas simbólicos para a jornada de autoconhecimento, oferecendo modelos para lidar com desafios e promover o crescimento pessoal.

**Palavras-chave:** Contos de fadas. Arquétipos. Desenvolvimento infantil.

## ABSTRACT

This study investigates the importance of fairy tales in the emotional, social, and psychological development of individuals, with a special focus on childhood. Using an interdisciplinary approach that combines literature, psychology, and education, the research analyzes how these timeless narratives help in facing internal conflicts, understanding ethical dilemmas, and stimulating imagination. The study examines classic tales such as Snow White, exploring their archetypes, narrative structure, and symbolism based on the theories of Bruno Bettelheim, Carl Jung, Vladimir Propp, and Clarissa Pinkola Estes. The results show that fairy tales act as powerful psychological tools, providing a symbolic space for children to process complex emotions and indirectly deal with their fears. The conclusion emphasizes that these narratives serve as symbolic guides for self-discovery, offering models to overcome challenges and promote personal growth.

**Keywords:** Fairy tales. Archetypes. Child development.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1 A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA INFÂNCIA.....</b>	<b>14</b>
1.1 Funções psicológicas: medo, resiliência e formação de valores.....	17
1.2 A estrutura dos contos de fadas como sistema de significação.....	22
<b>2 ARQUÉTIPOS NOS CONTOS DE FADAS: UMA ABORDAGEM TEÓRICA.....</b>	<b>25</b>
2.1 Manifestações arquetípicas e seus impactos.....	28
2.2 A mãe boa, a mãe má e outros arquétipos.....	30
<b>3. CONTOS DE FADAS: UMA ANÁLISE BASEADA EM BETTELHEIM.....</b>	<b>34</b>
3.1 Branca de Neve.....	34
3.2 A simbologia do sangue.....	35
3.3 O narcisismo e a jornada de amadurecimento.....	36
3.4 Projeção do ciúme e a dinâmica familiar.....	37
3.5 Conflitos edipianos no período da puberdade.....	38
3.6 A maturidade demonstrada nas ações.....	39
3.7 Os anões e a consciência pré-púbere.....	39
3.8 A rainha, a princesa e a adolescência.....	39
3.9 A simbologia da maçã.....	40
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>46</b>

## INTRODUÇÃO

Os contos de fadas possuem um lugar significativo na tradição da leitura oral e escrita e funcionam como ferramentas atemporais que têm a função de não apenas entreter, mas também manifestar valores culturais, os quais permeiam entre as gerações. Desde as primeiras tradições orais até as compilações de autores como os Irmãos Grimm e Charles Perrault, as histórias encantadoras e fantasiosas têm atravessado séculos com a sua força, mantendo seu poder e relevância em diversos contextos históricos, como símbolos fundamentais, portadores de arquétipos profundos e universais.

No contexto da infância, os contos de fadas desempenham um papel fundamental ao auxiliar no enfrentamento de conflitos emocionais, na compreensão de dilemas éticos e no estímulo da imaginação. Contudo, sua relevância não está limitada ao público infantil. A força dessas narrativas reside na capacidade de se conectar com o leitor ao longo da vida e de variadas formas, permanecendo resilientes e significativas, como apontado por Clarissa Pinkola Estés (1999, p.12), “a compreensão profunda da essência dos contos é claramente sentida pelo coração, pela mente e pela alma do ouvinte”.

A função formativa dessas narrativas é especialmente evidente na infância, mas seus efeitos e significações transcendem essa etapa. Embora os contos de fadas auxiliem os leitores no enfrentamento de problemas que surgem no decorrer da vida, eles não oferecem soluções nítidas e imediatas para estes desafios, pois, como afirma Bruno Bettelheim (2024, p. 13 e 14) “essas histórias falam ao ego que desabrocha e encorajam o seu desenvolvimento, ao mesmo tempo que aliviam pressões pré-conscientes e inconscientes.” Nesse sentido, os contos não apresentam um manual de instruções para a vida, mas estabelecem um espaço simbólico em que a identificação entre o leitor e a obra resultam no encorajamento e na autonomia, muitas vezes de forma inconsciente.

Essa é exatamente a mensagem que os contos de fadas transmitem à criança de forma variada: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana – mas que, se a pessoa não se intimida e se defronta resolutamente com as provocações inesperadas e muitas vezes injustas, dominará todos os obstáculos e ao fim emergirá vitoriosa (Bettelheim, 2024, p. 15).

Essa afinidade entre o leitor e a narrativa mágica inspira coragem e nutre esperança, orientando o processo de autodescoberta e superação. Ao longo da vida, esses contos tornam-se espelhos das próprias lutas internas dos leitores e proporcionam um espaço seguro para que as emoções e os conflitos sejam compreendidos e enfrentados. Além disso, na contemporaneidade, os contos de fadas continuam a ser reinterpretados e ressignificados por meio de filmes, séries e livros, reafirmando sua importância não apenas como meios de entretenimento, mas como fontes de reflexão crítica sobre valores sociais, identidade e moralidade.

Este trabalho tem como objetivo investigar a influência dos contos de fadas no desenvolvimento emocional, social e ético de seus leitores, com ênfase nos arquétipos que fundamentam essas narrativas. A análise se concentrará na maneira como esses símbolos universais moldam o imaginário e influenciam a construção de valores, oferecendo modelos para compreender e lidar com suas próprias experiências, tendo o foco na infância e, por fim, mostrará na prática teórica as possíveis significações interpretativas por meio do conto *Branca de Neve* com base nas teorias de Bruno Bettelheim.

Os contos de fadas são obras de arte ricas em essência e estética, e, por meio deles, diversas pessoas conseguem decifrar questões conscientes e inconscientes que auxiliam na construção do próprio ser e nas resoluções dos possíveis desafios que precisam ser enfrentados ao longo da vida. Embora estejam presentes de variadas formas no repertório de muitas pessoas, ainda carece de estudos acadêmicos que ajudem a compreender como os contos de fadas podem influenciar na formação humana e como seus receptores detectam o auxílio dessas narrativas, sendo elas lidas ou relidas ao longo de suas existências. É importante frisar que, apesar de bastante relacionado às crianças, o poder dessas histórias não se restringe ao público infantil e consegue percorrer todas as etapas do ser, levando consigo encanto, senso crítico e compreensões de si, pois elas são constituídas de significados e resistência. Nas palavras de Estés (1999):

Essas joias multifacetadas têm realmente a dureza de um diamante, e talvez nisso resida o seu maior mistério e milagre: os sentimentos grandes e profundos gravados nos contos são como o rizoma de uma planta, cuja fonte de alimento permanece viva sob a superfície do solo mesmo durante o inverno, quando a planta não parece ter vida discernível à superfície. A essência perene resiste, não importa qual seja a estação: *tal* é o poder do conto (Estés, 1999, p. 11 e 12).

As variadas formas como os contos de fadas podem ser recebidos, atribuindo diferentes significados para pessoas distintas e para a mesma pessoa, influenciaram na escolha da

pesquisa. Além disso, o tema deste estudo foi definido por afinidade e apreço pela literatura infantojuvenil. Outros pontos também serviram como impulsos para a escolha do tema, como, a beleza presente nessas obras literárias, a forma como elas resistem ao tempo e como podem ser influentes na aquisição de consciência de cada ser. Assim, propor uma pesquisa voltada para uma análise da recepção dessas narrativas, é reconhecer e comprovar a força da literatura e sua grandeza na formação humana, social e psicológica, identificando o poder das obras literárias e suas funções que podem colaborar com o seu público de modo singular e coletivo.

Além dos pontos já abordados, essa pesquisa também contribui diretamente com o curso de Letras, pois aborda temas fundamentais da literatura e da formação humana, explorando aspectos da análise literária que são essenciais para o entendimento profundo de como os textos funcionam em diferentes níveis. O trabalho analisará o gênero textual conto de fadas, explorando a forma como desempenha um papel essencial na formação emocional, social e ética dos leitores, além de evidenciar que essa forma de arte permite, a partir da fruição estética, ser um instrumento de autodescoberta e enfrentamento de conflitos internos nos momentos turbulentos da infância.

Será mostrada a visão de que a literatura como um campo de investigação vai além da análise textual e pode chegar a conceitos que integram a leitura crítica, a autodescoberta, a cultura e a sociedade. Portanto, o trabalho se insere como uma análise de um gênero literário que oferece ferramentas importantes para a formação de um leitor reflexivo e crítico e de uma pessoa que se descobre e redescobre com o auxílio da literatura, tendo a capacidade de integrar conhecimento de diversos contextos culturais na sua própria realidade, tornando-se, assim, um bom observador e um ser humano capaz de gerenciar as próprias emoções em situações desafiadoras e manter o equilíbrio emocional ao se deparar com o inesperado.

Este trabalho tem como objetivo geral analisar a recepção e a influência dos contos de fadas na formação humana, social e psicológica, investigando como essas narrativas contribuem para a resolução de conflitos internos e externos. Para isso, estabelecem-se três objetivos específicos: investigar como os contos são recebidos no contexto da infância, identificando seu papel no desenvolvimento emocional e cognitivo; explorar os arquétipos simbólicos presentes nessas histórias, compreendendo como eles estimulam a imaginação e a autocompreensão; e, por fim, analisar a forma como os contos de fadas trabalham na construção de uma consciência reflexiva que instiga a autonomia, especialmente no âmbito da literatura infantojuvenil. Esses

eixos de análise permitirão uma compreensão abrangente do poder dessas narrativas como ferramentas de transformação pessoal e social.

Os contos de fadas têm sido profundamente analisados por diversos estudiosos ao longo dos anos, e as obras literárias que auxiliaram na construção deste trabalho foram: *A Psicanálise dos Contos de Fadas* (2024), de Bruno Bettelheim, *Contos dos Irmãos Grimm* (1999), de Clarissa Pinkola Estés, *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (2016), de Carl Gustav Jung, *A interpretação dos contos de fadas* (1990), de Marie-Louise Von Franz, *Morfologia do conto maravilhoso* (2001), de Vladimir I. Propp, *Imaginação e criação na infância* (2009), de Lev S. Vygotsky, *Princesas Dark*, que reúne alguns contos dos Irmãos Grimm, *O Ego e o Id* (1923) e *A interpretação dos sonhos* (1900), ambos de Sigmund Freud. Cada um desses livros traz uma abordagem única sobre seus respectivos temas, alguns enfatizam a relevância dos contos de fadas no desenvolvimento emocional, psicológico e cultural dos leitores, enquanto outros explicam conceitos necessários que foram abordados durante a produção da pesquisa.

A abordagem qualitativa permite compreender e interpretar os significados atribuídos às narrativas e às experiências simbólicas que elas proporcionam. Assim, adota a análise dos contos de fadas clássicos selecionados, bem como a leitura de obras teóricas que abordam os arquétipos, os símbolos universais e a recepção dessas narrativas. O foco principal é compreender como essas histórias impactam o desenvolvimento da maturidade humana, explorando aspectos emocionais, sociais e psicológicos. Com base nas leituras e análises realizadas, apresenta-se o resultado da pesquisa nesta monografia, a qual se estrutura em três capítulos: *A importância dos contos de fada na infância e Arquétipos nos contos de fadas: uma abordagem teórica* apresentarão estudos teóricos voltados para a literatura infantil e os contos selecionados, com foco nos arquétipos e símbolos que estruturam essas narrativas, enquanto *Contos de fadas: uma análise baseada em Bruno Bettelheim* analisará conceitos situacionais do cotidiano que estão diretamente ligados à história de Branca de Neve, em seus arquétipos, personagens e sua possível significação por trás do conto.

## CAPÍTULO I

### 1 A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA INFÂNCIA

Os contos de fadas desempenham um papel fundamental no desenvolvimento emocional e cognitivo das crianças. Por meio dessas narrativas, os pequenos são expostos a situações que envolvem conflitos, desafios e superações, o que os ajuda a compreender e processar emoções complexas que ainda não estão nítidas em suas consciências, como medo, tristeza, alegria e coragem. Além disso, os contos de fadas frequentemente apresentam personagens que enfrentam adversidades e, ao final, alcançam um desfecho positivo, transmitindo a mensagem de que é possível superar dificuldades com perseverança e resiliência. Bruno Bettelheim (2024), no livro *A psicanálise dos contos de fadas*, deixa evidente que essa forma de contar as histórias contribui para a formação de uma visão mais clara sobre a vida, possibilitando que a própria criança seja capaz de interpretar os contos de acordo com suas experiências individuais, extraindo lições relevantes que as auxiliarão em situações que estão em maior ou menor evidência em suas consciências.

Outro aspecto relevante dos contos de fadas é o seu potencial para estimular a imaginação e a criatividade infantil. Ao “mergulhar” em mundos fantásticos, repletos de seres mágicos, enigmas e aventuras, as crianças são incentivadas a unir o mundo real e o fantasioso, explorando possibilidades e soluções inovadoras para os problemas apresentados. Essa capacidade de imaginar e criar é essencial para o desenvolvimento de habilidades como a resolução de problemas, o pensamento crítico e a expressão artística. A exposição a diferentes cenários e culturas, presentes nos contos de fadas, amplia o repertório cultural da criança, contribuindo para uma visão de mundo mais diversificada e inclusiva.

Os contos de fadas também possuem um importante papel na transmissão de valores morais e éticos. Com auxílio das histórias, as crianças aprendem sobre conceitos como justiça, bondade, honestidade e empatia, muitas vezes de forma indireta e lúdica devido aos arquétipos presentes. A figura do herói ou heroína que luta pelo bem comum, por exemplo, pode servir como um modelo de comportamento positivo, inspirando as crianças a agirem de maneira ética e solidária em suas próprias vidas. A identificação com as personagens que mais se assemelham

às suas características propicia aos leitores enxergar com mais clareza as possibilidades de ações que eles podem tomar no decorrer da vida. Já as personagens que representam os vilões, podem mostrar aos leitores atitudes que eles não consideram corretas e um final bem distante do “feliz para sempre”. A presença de dilemas morais nas narrativas estimula a reflexão e o debate, ajudando os pequenos a desenvolverem seu próprio senso de certo e errado. Dessa forma, os contos de fadas contribuem para a formação de indivíduos mais conscientes e responsáveis, que compreendem suas emoções e solucionam seus problemas pessoais.

Por intermédio dos contos de fadas, as crianças são auxiliadas na aquisição de uma consciência mais madura, o que as permite civilizar dentro de si as pressões mais caóticas do próprio inconsciente, pois “As imagens e as fantasias propiciam uma linguagem interior para o nosso sentimento.” (Vygotsky, 2009, p. 25). Bettelheim evidencia essa afirmação e reforça que diferente de qualquer outra forma de leitura “os contos de fadas direcionam a criança para a descoberta de sua identidade e vocação” (Bettelheim, 2024, p. 34). Ao contrário das fábulas, os contos de fadas se preocupam em zelar pela independência da interpretação do seu leitor. Sendo assim, é possível afirmar que os contos são vias que levam a criança à sua autonomia de forma sutil e direta, respeitando suas experiências e interpretações. O alcance a essa autonomia é essencial para que o ser humano evolua e amadureça, cada conflito interno com o qual ele consiga lidar na fase da infância será extremamente útil por toda a sua vida, pois as lições assimiladas na infância possuem uma grande carga emocional e comportamental. Isso influenciará em diversas áreas do viver, possibilitando que a criança se torne um adulto bem resolvido em suas questões emocionais, pois, ainda pequeno, percebeu que é possível enfrentar seus medos da forma que melhor atende às suas necessidades.

É comum achar que histórias fantasiosas estejam distantes das nossas realidades, afinal, um universo repleto de fadas, bruxas, animais humanizados e magia não condiz com o mundo real. No entanto, embora pareçam distantes, os contos de fadas estão mais próximos do que se possa imaginar. É por meio de um mundo cheio de fantasias e encantos que as histórias conseguem capturar a atenção das crianças e mostrar-lhes situações cotidianas com problemas e, em seguida, soluções, que se alternam desde as mais superficiais e simplistas até aquelas que exigem maior profundidade e paciência para serem plenamente compreendidas, pois

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança deve entretê-la e despertar a sua curiosidade. Contudo para enriquecer a sua vida deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve relacionar-se

simultaneamente com todos os aspectos de sua personalidade – e isso sem nunca menosprezar a seriedade de suas dificuldades, mas, ao contrário, dando-lhe total crédito e, a um só tempo, promovendo a confiança da criança em si mesma e em seu futuro (Bettelheim, 2024, p.11).

“Uma criança confia no que o conto de fadas diz porque a visão de mundo aí apresentada está de acordo com a sua” (Bettelheim, 2024, p. 67), isso ocorre, pois, até determinada fase, o período da puberdade, a criança possui o pensamento animista, isso significa que: o que não é vivo passa a ter vida quando se trata da imaginação infantil. Esse encantamento é necessário, pois “Até que possa compreender conceitos abstratos, a criança só pode vivenciar o mundo subjetivamente.” (Bettelheim, 2024, p. 72). Dessa forma, as plantas, os objetos e tudo aquilo que não possui vida, se tornam dignos de possuírem alma e se tornarem seres humanizados. As árvores falam, as pedras são pessoas enfeitiçadas, as folhas cantam e, assim, uma história se torna mais atrativa e efetiva para um pequeno leitor em busca de sua autonomia.

Além de utilizar a liberdade criativa para dar significado e magia ao cenário e às personagens, os contos de fadas também se preocupam com o enredo. O conteúdo da história é essencial para apresentar a realidade de forma encantada. Não basta apenas entreter a imaginação com o irreal, é necessário apresentar a veracidade. A realidade numa história fantasiosa é apresentada com fatores sociais, sejam interações ou conflitos internos e externos. Os contos apresentam situações como a perda do pai, má convivência com a madrasta, situações de fuga ou sobrevivência, escolhas e resultados, consequências da desobediência e diversas outras situações. Todas elas são abordadas sem contar ao leitor sobre o que se trata. Na história dos Três Porquinhos, tem-se um exemplo de escolhas e resultados. Os porquinhos mais novos fizeram escolhas menos inteligentes e foram devorados, enquanto o mais velho fez uma escolha sábia e, por isso, venceu o Lobo Mau. Em uma fábula, no final da história, seria contado ao leitor sobre o seu significado, revelando a lição de moral, porém, nos contos de fadas, a interpretação é individual e constrói-se a partir da experiência de cada um.

A história dos três pequenos porcos carrega consigo uma lição valiosa sobre ações e consequências, mas não é apenas esse ensinamento que ela pode oferecer. Ao ler Os Três Porquinhos, inconscientemente a criança está sendo ensinada sobre aprender com suas falhas. Cada porquinho representa uma etapa da vida e, seguindo a escala cronológica apresentada na história, podemos perceber a evolução nas decisões de cada um. O mais novo escolhe construir sua casa com palha, o do meio com madeira e o mais velho com tijolos. A idade dos porquinhos, o motivo das suas escolhas e a resistência dos materiais, representam o amadurecimento do pensamento. Quanto mais novo, mais imaturo e na medida em que envelhece, torna-se capaz

de aprender com as escolhas do passado e pensar numa maneira mais eficaz de lidar com problemas parecidos, no caso da história: o Lobo.

Assim, a narrativa dos Três Porquinhos demonstra que os contos de fadas, quando vividos na infância, funcionam como alicerces psicológicos que acompanham e sustentam todo o processo de desenvolvimento mental do indivíduo, oferecendo estruturas simbólicas que serão ressignificadas em cada fase da vida. Os conflitos e dificuldades de uma pessoa não são os mesmos para sempre, pois na medida em que se cresce, eles também evoluem seguindo uma proporção de acordo com a mentalidade de quem precisa enfrentá-los. Os contos podem ser interpretados de uma forma no primeiro momento em que foram lidos e depois, em outra fase, reinterpretados de modo que atendam melhor à realidade em que seu retorno ocorreu, pois “[...] o significado mais profundo do conto de fadas será diferente para cada pessoa, e diferente para a mesma pessoa em vários momentos da vida” (Bethelheim, 2024, p. 21). Essa nova compreensão pode ocorrer por meio de uma nova leitura e associação com os conflitos do presente, ou por associar a história com algum ocorrido sem pretensão, mas sempre atenderá a realidade da pessoa que, “Tendo a oportunidade, voltará ao mesmo conto quando estiver pronta a ampliar os velhos significados ou substituí-los por novos.” (Bethelheim, 2024, p. 21)

### **1.1 Funções psicológicas: medo, resiliência e formação de valores**

A literatura é uma ferramenta poderosa capaz de desenvolver o senso crítico dos seres humanos de diversas formas. Ao abrir um livro e mergulhar em seu conteúdo, é possível se deparar com escritos reais, fictícios, fantasiosos, abstratos, didáticos e uma combinação entre eles e diversos outros. Por meio da literatura, temos acesso a conteúdos que conhecemos, conteúdos que desconhecemos e conteúdos sobre os quais já possuíamos um conhecimento superficial e passamos a ter a oportunidade de conhecê-los melhor. Nesse aspecto, reside uma das magias da literatura: a possibilidade de acessar o desconhecido sem a necessidade de transpor os limites do espaço físico. Essa característica se estende principalmente para o universo da fantasia. A literatura é um excelente exercício para construir elementos imaginários, mas, antes de chegarmos à imaginação, precisamos ter o acesso à experiência, pois “[...] toda obra da imaginação constrói-se de elementos tomados da realidade e presentes na experiência anterior da pessoa.” (Vygotsky, 2009, p. 20)

A fantasia é um processo necessário para que possamos compreender o mundo a nossa volta e o mundo que está em nosso interior. A infância é o período mais propício para

desenvolver a criatividade, estimular o pensamento imaginativo e formar a capacidade de compreensão do mundo, benefícios que permanecem ao longo da vida. Ou seja, inserir a fantasia na fase da infância é essencial para que o indivíduo desenvolva suas próprias ideias e se torne dono de suas percepções sobre si e sobre o mundo. Porém, para que o universo imaginário floresça, é necessário que experiências sejam vividas. Sendo assim, quanto mais experiências, mais enriquecida se torna a imaginação. Por isso, a imaginação da criança é menos desenvolvida que a do adulto. A criança ainda não possui o mesmo histórico de experiências de um adulto, por esse motivo, essas experiências devem ser proporcionadas para que a criança construa seu próprio armazenamento de vivências que nutram sua imaginação. “A imaginação origina-se exatamente desse acúmulo de experiência. [...] quanto mais rica a experiência, mais rica deve ser também a imaginação” (Vygotsky, 2009, p. 22).

O fato de a criança possuir menos experiências leva-nos a imaginar como se ela fosse uma página em branco. Páginas em branco precisam ser escritas ou desenhadas para que passem a ter significação. Logo, as crianças precisam ser expostas a experiências que enriqueçam sua existência e instiguem sua autonomia. Os contos de fadas são excelentes aliados nessa etapa da vida, eles possibilitam acesso a um repertório de experiências, como realidade, fantasia, sugestão de valores morais e vivências que podem ser encontradas no cotidiano, garantindo uma experiência enriquecedora para o leitor que busca referências capazes de orientar sua trajetória de vida e estimular o desenvolvimento da imaginação.

Quanto mais a criança viu, ouviu e vivenciou, mais ela sabe e assimilou; quanto maior a quantidade de elementos da realidade de que ela dispõe em sua experiência - sendo as demais circunstâncias as mesmas -, mais significativa e produtiva será a atividade de sua imaginação (Vygotsky, 2009, p. 23).

Difícilmente encontraremos no mundo real uma criança que tenha como madrasta uma rainha malvada que converse com um espelho mágico para receber validação da sua própria beleza e mande matar a própria enteada apenas por ter tido como resposta do espelho que a criança é mais bela do que quem fez a pergunta, mas facilmente encontraremos uma criança que possua pais com conflitos internos leves ou intensos que os impeça, de alguma maneira, de manter uma boa relação dentro de casa.

Os contos são como o espelho da Rainha Má da história da Branca de neve. Eles nos mostram a verdade. Diferente da figura do espelho, contudo, eles não falam a verdade nua e crua, eles velam a realidade com fantasia e permitem que interpretemos da forma que melhor atende à nossa necessidade. As crianças são as que mais se beneficiam deles, pois, quando

enfrentam dificuldades nunca vividas antes, elas precisam de um auxílio que mostre ser possível solucionar o problema em questão. Sendo assim,

[...] esses contos, num sentido bem mais profundo do que qualquer outro material de leitura, começam no ponto em que a criança efetivamente se acha em seu ser psicológico e emocional. Falam de suas graves pressões interiores de um modo que ela inconscientemente compreende e, sem menosprezar as lutas íntimas mais sérias que o crescimento pressupõe, oferecem exemplos tanto de soluções temporárias quanto permanentes para dificuldades prementes (Bettelheim, 2024, p. 13).

Ao ler contos de fadas, deparamo-nos com uma poderosa união entre psicologia e literatura e isso nos impacta sem que percebamos a força de seus efeitos. De acordo com Bruno Bettelheim (2024, p.21), o efeito que atinge o leitor vem das qualidades literárias do conto, pois “Ele não poderia ter seu impacto psicológico [...], se não fosse primeiro e antes de tudo uma obra de arte” (Bettelheim, 2024, p. 21). Logo, as obras literárias possuem força suficiente para impactar seus leitores justamente porque, antes de serem psicológicas, são arte em seu formato mais puro. Além disso, a arte e a significação psicológica desses contos fazem com que as histórias mais antigas ainda sejam importantes e impactantes na atualidade.

O poder dos contos de fadas é capaz de auxiliar a criança em suas adversidades e obstáculos de modo imperceptível. Como elas ainda não possuem repertório de experiências que favoreçam no enfrentamento de todas as dificuldades que surgem nessa etapa da vida, os contos se tornam guias morais indispensáveis, pois, como afirma Estés (1999, p.12), “Quando o corpo ouve contos, algo ecoa em seu interior [...] o conto revela os sentimentos íntimos que se escondem sob sua superfície.” Sendo assim, os contos não são aliados somente no enfrentar obstáculos, mas também no ato de desvendar sentimentos que ainda não têm nome.

Os medos mais profundos podem ser desvendados e enfrentados quando os ensinamentos dos contos são colocados em prática e o ato desse enfrentamento é necessário para que a criança consiga evoluir e abandonar suas dependências infantis. “Para dominar os problemas psicológicos do crescimento, [...] a criança precisa entender o que está se passando dentro do seu eu consciente para que possa também enfrentar o que se passa em seu inconsciente” (Bettelheim, 2024, p. 14). Ela pode alcançar essa percepção e desvendar sua coragem familiarizando-se com os temas abordados nas histórias dos contos, pois eles a apresentam obstáculos comuns da vida cotidiana de forma mágica e atrativa e, assim, a criança consegue assimilar sua realidade com o que lhe foi apresentado na história lida ou ouvida.

É aqui que os contos de fadas têm um valor inigualável, conquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela seria incapaz de descobrir por si só, de modo tão verdadeiro. Mais importante ainda: sua forma e estrutura seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida (Bettelheim, 2024, p. 14).

Um excelente exemplo da forma como os contos auxiliam no enfrentamento dos medos é destacado por Bettelheim (2024) no livro *A psicanálise dos contos de fadas*. Ao analisar brevemente algumas características do conto João e Maria, o autor enfatiza alguns medos que são abordados durante a história, como: medo do abandono e medo de passar fome. Esses medos são recorrentes na infância e transcendem as fases da vida, embora muitos adultos não admitam, eles gritam no nosso inconsciente e são comuns da natureza humana. A abordagem dessas angústias nos personagens da história de João e Maria é importante para mostrar à criança que tais medos podem ser enfrentados de modo vitorioso. João e Maria se aventuram em uma floresta, perdem o caminho de casa, fascinam-se com uma casa de gengibre que encontram na rota, comem a tal casa, são presos por uma bruxa que é dona da residência e, no final, conseguem enfrentá-la e se libertarem, dando um fim a tudo que os angustiava.

Por meio da interpretação desse conto, Bettelheim (2024) mostra que é possível oferecer segurança à criança que está começando a dar seus primeiros passos em direção ao mundo, pois a história dá corpo às angústias com exagero, os heróis vencem as adversidades e, por fim, derrotam o inimigo extremamente ameaçador, que é a bruxa. Assim, a história oferece orientação e segurança para uma criança pequena se sentir encorajada a encarar seus medos. Os contos de fadas, dessa forma, não apenas expõem os medos infantis, mas também os reinterpretam em um universo simbólico, no qual a criança pode experimentar soluções sem riscos reais. Ao ver personagens como João e Maria superando o abandono e a fome – metáforas de desafios universais –, a criança internaliza que seus próprios temores podem ser enfrentados e vencidos. Assim, a magia dessas histórias não está apenas no desfecho: “felizes para sempre”, mas ainda no processo de transformação que inspira: de vulnerável a corajoso, de dependente a autônomo, de angustiado a esperançoso.

Outro aspecto que os contos de fadas trabalham inconscientemente é a resiliência, muitos personagens dessas histórias conseguem vencer seus adversários e obstáculos com sabedoria e leveza. Além da resiliência, os contos transmitem diversos valores morais. Esses dois aspectos podem ser encontrados juntos na mesma história e um exemplo disso está em “Os Três Porquinhos”. Nesse conto podemos perceber que “Vivendo de acordo com o princípio do prazer, os porquinhos mais novos buscam gratificação imediata sem pensar no futuro e nos perigos da realidade” (Bettelheim, 2024, p. 62), enquanto “[...] o terceiro e mais velho dos

porquinhos [...] é capaz de adiar seu desejo de brincar [...] e derrotar poderes mais fortes e mais ferozes que ele” (Bettelheim, 2024, p. 62). A história dos três porquinhos muito se assemelha à fábula “A Cigarra e a Formiga”, as duas histórias retratam a importância de fazer escolhas sábias no presente para se obter sucesso no futuro. Porém, quando falamos sobre a fábula, podemos perceber que o destino da Cigarra já está traçado e não há possibilidade de evolução, “[...] é uma situação do tipo ‘ou/ou’, em que uma escolha, uma vez feita, decide as coisas para sempre” (Bettelheim, 2024, p. 63), além de, no final da história, ser contada ao leitor a moral, sem permitir que seja feita uma interpretação independente e baseada em experiências singulares que aflorem à imaginação.

Diferente da fábula, o conto “Os Três Porquinhos” opera por códigos implícitos de valor, assim como a maioria dos contos maravilhosos:

O conto de fadas [...] deixa todas as decisões por nossa conta, inclusive a de querermos ou não tomá-las. Cabe-nos decidir se desejamos aplicar algo de um conto de fadas à nossa vida ou simplesmente apreciar as situações fantásticas a que se refere. Nosso prazer é o que nos induz a reagir oportunamente aos significados ocultos, na medida em que possam se relacionar à nossa experiência de vida e ao estágio de desenvolvimento pessoal. (Bettelheim, 2024, p. 63).

Vladimir Propp (2001, p. 65) observa que o auxílio mágico (como a ajuda do 'doador') só é concedido ao herói que demonstra virtudes prévias, seja bondade, coragem ou prudência. No caso do porquinho mais velho, sua escolha de construir uma casa de tijolos – ato que exige trabalho e renúncia ao prazer imediato – espelha essa dinâmica: a recompensa (sobrevivência) é resultado de uma ação moralmente orientada. A criança, ao identificar-se com o herói, absorve não apenas a lição pragmática ('seja trabalhador'), mas a noção de que valores são condição para superação, sem necessidade de moralismos explícitos, como nas fábulas. A estrutura dos contos de fadas, conforme analisada por Propp (2001), codifica valores morais de forma implícita através de suas funções narrativas. A 'provação do herói' (como em João e Maria ou Os Três Porquinhos) exige coragem e inteligência para superar obstáculos, enquanto a 'punição do vilão' (a bruxa derrotada, o Lobo Mau queimado) repreende comportamentos nocivos, reforçando a justiça como valor fundamental. O auxílio do doador, concedido apenas ao herói que demonstra virtudes como generosidade ou perseverança, opera como um contrato moral, ensinando à criança que ações éticas geram recompensas. Essa lógica, presente na tabela de melhoria/degradação de Propp (2001, p. 103), em que serviços e recompensas se opõem a erros e punições, mostra como os contos transformam conflitos em lições de resiliência e ética, sem

necessidade de moral explícita – diferentemente das fábulas. Assim, a própria jornada do herói, com seus desafios e triunfos, torna-se um mapa simbólico para a criança “navegar” por suas próprias escolhas morais.

## **1.2 A estrutura dos contos de fadas como sistema de significação**

Na análise de Propp (2001), os contos de fadas revelam-se como sistemas complexos de significação, em que cada elemento narrativo cumpre funções precisas na construção de sentido. O estudioso russo demonstra que, por trás da aparente diversidade de enredos, existe uma estrutura profunda comum, uma 'gramática' narrativa universal que organiza eventos em sequências lógicas de dano, partida, provação e reparação. Essa arquitetura invisível, como observa Bettelheim (2024), não é mero acaso literário, mas responde a necessidades psicológicas fundamentais da criança: ao apresentar conflitos sempre seguidos de resoluções, os contos oferecem um modelo cognitivo para processar adversidades. Vygotsky (2009) complementa essa visão ao destacar como a estrutura repetitiva dos contos – com seus padrões previsíveis de crise e superação – serve de andaime para o desenvolvimento emocional, permitindo que a criança assimile, em ambiente seguro, esquemas de ação para lidar com seus próprios desafios. Nesse sentido, mais que entretenimento, os contos operam como verdadeiros sistemas semióticos, em que cada função narrativa carrega um potencial educativo e terapêutico.

Propp (2001) descreve em *Morfologia do Conto Maravilhoso* uma matriz estrutural fixa composta por 31 funções narrativas invariáveis. Entre estas, a função inicial 'Um membro da família sai de casa' (Propp, 2001, p.19) se revela fundamental como mecanismo desencadeador do conflito. O autor detalha que “As formas habituais de afastamento são: para o trabalho, para a mata, para dedicar-se ao comércio, para a guerra, e ‘a negócios’” (Propp, 2001, p.19), acrescentando outras variações como a morte dos pais ou a saída de membros mais jovens para atividades cotidianas. Essa ruptura da segurança familiar, presente em contos como “Branca de Neve”, não é meramente circunstancial, conforme demonstra Bettelheim (2024), ela simboliza o rito de passagem necessário para o desenvolvimento da autonomia infantil. A ausência temporária ou definitiva das figuras protetoras cria o cenário psicológico em que a criança, identificando-se com o herói abandonado, pode elaborar seus próprios medos de separação e crescimento (Bettelheim, 2024). Assim, o que em Propp (2001) se apresenta como função estrutural, em Bettelheim (2024) ganha dimensão terapêutica, revelando como os contos

transformam elementos narrativos aparentemente simples em poderosas ferramentas de significação emocional.

Outras funções presentes nos contos de fadas citadas por Propp (2001) são: II-Impõe-se ao herói uma condição, III- a proibição é transgredida. Na função II, pode ser dada uma proibição ou uma designação ao herói, como: não sair de casa ou cumprir determinada tarefa imposta por alguém. De modo repentino, o conto maravilhoso apresenta a chegada de uma adversidade (Prop, 2001, p. 20) que contrasta com o bem-estar que estava sendo vivido anteriormente,

O espectro desta adversidade, embora invisível, paira sobre a família feliz. Daí o porquê das proibições de sair etc. O próprio afastamento dos mais velhos prepara esta desgraça, cria o momento que lhe será propício. As crianças passam a depender de si mesmas após a partida ou a morte dos pais. Uma ordem pode também desempenhar o papel do interdito. Ao ordenar às crianças irem ao campo ou à mata, a execução desta ordem terá as mesmas consequências que a desobediência à proibição de ir à mata ou ao campo. (Propp, 2001, p. 20)

A análise de Propp (2001) revela que as funções finais dos contos maravilhosos – XXIX (transfiguração), XXX (castigo) e XXXI (casamento) – operam como um sistema integrado de resolução simbólica. O autor descreve que “o herói recebe nova aparência diretamente, graças à intervenção do auxiliar mágico (II)” (Propp, 2001, p. 36), destacando na função XXIX a transformação física como coroação da jornada. Em seguida, a função XXX assegura o equilíbrio narrativo: “o inimigo é castigado (definição: castigo, designação: L). Leva um tiro, é desterrado” (Propp, 2001, p. 36), eliminando a ameaça que motivou o conflito. Por fim, a função XXXI consolida o novo estado de ordem: “o herói se casa e sobe ao trono (definição: casamento, designação: X). Recebe ao mesmo tempo uma esposa e um reino” (Propp, 2001, p. 36). Essa tríade funcional — transformação, justiça e ascensão — não apenas encerra a trama, mas estabelece um modelo de resolução que espelha processos psíquicos de superação. Assim, a estrutura proppiana demonstra como os contos codificam, em sua conclusão, um ciclo completo de significação: da crise à restauração, mediado por funções narrativas precisas.

O conto maravilhoso estrutura-se não apenas pela sequência de funções, mas por um complexo sistema de articulação entre elas. O autor destaca que “as funções constituem os elementos fundamentais [...] sobre os quais se constrói o curso da ação”, porém enfatiza que “dentro do conto maravilhoso se desenvolve todo um sistema de informações que às vezes se reveste de formas artísticas muito vivas” (Propp, 2001, p. 40). Esses mecanismos de transição – que incluem desde diálogos estruturados até recursos sensoriais como as cordas musicais que

alertam a bruxa – garantem a coerência narrativa mesmo quando as funções são desempenhadas por personagens diferentes. Propp<sup>1</sup> (2001, p. 40) explica ainda que “se duas funções consecutivas são desempenhadas por diferentes personagens, o segundo personagem deve estar a par do que se passou antes”, revelando como a narrativa folclórica elabora organicamente suas conexões internas. Esses elementos de ligação transformam a sequência funcional em uma trama coesa, demonstrando a sofisticação da estrutura narrativa tradicional.

Propp (2001) revela-nos que os contos maravilhosos, mesmo em sua aparente diversidade, obedecem a uma lógica estrutural coerente e autorreferencial. Como observa o autor, “o que falta, às vezes, pode ser fictício [...], mas o fato é que todas estas razões diferentes não exercem influência alguma sobre a estrutura da ação” (Propp, 2001, p. 43), demonstrando que a motivação inicial é menos relevante do que a função narrativa em si. Essa premissa confirma que o conto maravilhoso opera como um sistema fechado, em que cada elemento – seja uma carência, uma transgressão ou uma recompensa – articula-se em um todo significativo.

A organicidade desse sistema é tão robusta que, nas palavras de Propp, “tal como todo ser vivo, o conto maravilhoso só gera seres a ele semelhantes” (Propp, 2001, p. 43), ou seja, mesmo as narrativas secundárias que surgem no enredo reproduzem a mesma estrutura funcional. Essa circularidade não apenas garante a unidade interna do gênero, mas também reforça seu valor como modelo cognitivo: ao apresentar conflitos sempre resolvidos dentro de uma ordem previsível, os contos oferecem um mapa simbólico para a compreensão de adversidades e transformações. Assim, a morfologia proppiana transcende a classificação acadêmica para revelar-se como um verdadeiro sistema de significação, no qual forma e sentido se fundem em uma linguagem universal de resiliência e reparação. A estrutura narrativa, com suas funções precisamente articuladas, mostra-se capaz de converter elementos aparentemente desconexos em uma trama coesa e significativa, confirmando o conto maravilhoso como um mecanismo cultural sofisticado de transmissão de valores e elaboração simbólica.

---

<sup>1</sup> Diferente de Bruno Bettelheim (2024), Propp (2001) analisa a estrutura dos contos de forma direta e objetiva, sem a profundidade psicológica das possibilidades de interpretação, mas visando compreender as obras fantásticas em sua essência estrutural, como se fosse uma arquitetura.

## CAPÍTULO II

### 2 ARQUÉTIPOS NOS CONTOS DE FADAS: UMA ABORDAGEM TEÓRICA

Ao longo dos séculos, os contos de fadas têm servido como espelhos da alma humana, revelando verdades profundas sobre a psique<sup>2</sup> coletiva e individual. Sob a superfície de suas narrativas, aparentemente simples, escondem-se arquétipos universais – estruturas simbólicas que, segundo a psicologia analítica, moldam nossas experiências e compreensão do mundo. Como destaca Franz (1990, p.6), “[...] a totalidade psíquica de um indivíduo é também, paradoxalmente, o centro regulador do inconsciente coletivo<sup>3</sup>. Cada indivíduo e cada nação têm suas próprias formas de experienciar esta realidade psíquica”. Essa dualidade entre o pessoal e o coletivo é essencial para entender como os arquétipos nos contos de fadas, o Herói, a Sombra, ou o Oráculo, transcendem culturas e épocas, manifestando-se de formas únicas em cada sociedade, mas sempre refletindo conflitos, desejos e transformações inerentes à condição humana.

Neste capítulo, será explorado o que são e como essas figuras arquetípicas se manifestam nas narrativas, funcionando como ferramentas de autoconhecimento e expressão do inconsciente, visando analisar como os arquétipos estruturam essas narrativas, garantindo sua perpetuidade e ressonância emocional, mas antes de compreendermos a função dos arquétipos, é importante que tomemos conhecimento do que se trata e qual o poder que eles possuem. No livro *Os arquétipos e o inconsciente*, Carl Gustav Jung define que:

---

<sup>2</sup> Na psicanálise clássica, a psique é conceituada como a estrutura tripartite (id, ego e superego) que organiza as pulsões inconscientes, a mediação com a realidade e as internalizações morais, respectivamente (FREUD, 1923).

<sup>3</sup> O inconsciente coletivo, conceito central na psicologia analítica de Carl Gustav Jung, refere-se a uma camada profunda da psique compartilhada por toda a humanidade, composta por arquétipos - imagens, símbolos e padrões universais que transcendem experiências individuais. Diferente do inconsciente pessoal, que contém memórias e conteúdos reprimidos do indivíduo, o inconsciente coletivo é herdado e manifesta-se em mitos, sonhos, religiões e produções culturais ao longo da história. Nas palavras de Jung (2016, p.19 e 20): “Eu optei pelo termo “coletivo” pelo fato de o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal; isto é, contrariamente à psique pessoal ele possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são *cum grano salis* os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos. Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo, portanto, um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo”

O arquétipo é um elemento vazio e formal em si, nada mais sendo do que uma *facultas praeformandi*, uma possibilidade dada a priori da forma da sua representação. O que é herdado não são as ideias, mas as formas, as quais sob esse aspecto particular correspondem aos instintos igualmente determinados por sua forma. [...] a princípio ele pode receber um nome e possui um núcleo de significado invariável, o qual determina sua aparência, apenas a princípio, mas nunca concretamente (Jung, 2016, p.121).

Jung compara os arquétipos a estruturas invisíveis que organizam nossa experiência psíquica, assim como o sistema axial de um cristal determina sua forma geométrica sem definir seu tamanho ou aparência concreta. Os arquétipos não são imagens prontas, mas padrões vazios e universais (como "moldes" psíquicos) que só ganham conteúdo por meio das experiências culturais e pessoais. Assim como não podemos observar diretamente um instinto, apenas suas manifestações, os arquétipos só se revelam indiretamente, através dos símbolos, mitos e comportamentos que estruturam. Eles são como "gramáticas da alma": herdamos não ideias específicas, mas capacidades inatas para organizar a realidade de certas formas, como o arquétipo da Grande Mãe, por exemplo, não é uma imagem fixa da maternidade, mas um padrão que pode se expressar tanto numa deusa quanto no cuidado de uma avó ou na natureza acolhedora.

Os arquétipos representam experiências e emoções comuns a todos os seres humanos, como o desejo de sucesso, o medo da morte, o amor, a busca por significado e a necessidade de pertencimento. Em resumo, os arquétipos são modelos de comportamento e personalidade que podem ser repetidos em diferentes culturas e épocas, representando aspectos básicos e comuns da experiência humana. Eles podem se manifestar por meio de personagens, ações, símbolos e temas que são facilmente encontrados nos contos de fadas. No livro *A interpretação dos contos de fada*, de Marie-Louise Von Franz, conseguimos compreender a imensa complexidade que os contos carregam consigo desde o princípio, pois, "[...] existem indícios de que alguns temas principais de contos se reportam a 25.000 anos a.C, mantendo-se praticamente inalterados" (Franz, 1990, p.7), o que ocorre desde quando os contos eram contados oralmente em civilizações antigas. Um dos temas citados pela autora que permeia até os dias atuais está presente no conto *A bela e a fera*, em que há uma mulher que redime seu amado da forma animal. Ao analisar este exemplo, a autora afirma que este padrão existe praticamente inalterado há 2.000. Assim, podemos perceber que os arquétipos fundamentam os contos de fadas e fazem com que eles ganhem força o suficiente para ultrapassar milênios, ainda carregando significados que nos remetem ao sentimento de pertencimento e identificação. Para

que haja conexão com um arquétipo, o leitor precisa de experiências e cargas emocionais que o conectem diretamente com aquele padrão, pois

Uma imagem arquetípica não é somente um pensamento padrão (como um pensamento padrão ela está interligada com todos os pensamentos); mas ela é, também, uma experiência emocional – a experiência emocional de um indivíduo. Só se essa imagem arquetípica tiver um valor emocional e afetivo para o indivíduo ela poderá ter vida e significação (Franz, 1990, p. 13).

Assim, percebemos que a força dos arquétipos nos contos de fadas reside justamente em sua capacidade de resgatar não apenas padrões cognitivos, mas toda a carga emocional que os sustenta. Como alerta Franz (1990, p.14), “Os intelectuais tratam com despreço o fator afetivo-emocional, que está sempre presente na imagem arquetípica. [...] Fazer isto é intelectualmente bastante correto, mas também negligencia toda a experiência emocional”. Essa crítica revela um risco central na análise dos contos: reduzir suas figuras arquetípicas a meras categorias teóricas, esquecendo que sua potência vem da experiência humana concreta: do medo, do desejo, da culpa ou da transcendência que elas evocam. A conexão entre arquétipo e emoção exige, portanto, uma abordagem que integra o universal ao pessoal. Nas palavras da autora: “Não se pode ignorar o indivíduo e todo o contexto em que a experiência se dá [...] a base humana a partir da qual tais temas florescem. Mas não se podem estudar plantas sem estudar o solo onde elas crescem” (Franz, 1990, p.14). Os contos de fadas, nesse sentido, são tanto reflexos do inconsciente coletivo quanto espelhos das vivências singulares de quem os lê ou ouve.

Por fim, a análise dessas narrativas demanda um olhar que valorize a subjetividade, já que, como destaca Franz (1990, p.14), “a psicologia, em contraste com todas as outras ciências, não pode desconsiderar o fator sentimento. Ela tem que levar em consideração o tom afetivo e o valor emocional de fatores internos e externos”. É essa dimensão afetiva que explica por que certos contos – como Chapeuzinho Vermelho (medo do desconhecido) ou Cinderela (esperança de transformação) – ecoam por séculos: eles não apenas representam arquétipos, mas ativam emoções profundas que lhes dão vida e relevância eterna. Essa dimensão emocional dos arquétipos nos contos de fadas revela seu profundo potencial terapêutico, como destacado por Bettelheim (2024, p.36): “O conto de fadas é terapêutico porque o paciente encontra suas próprias soluções por meio da contemplação daquilo que a história parece sugerir acerca de si e de seus conflitos íntimos neste momento de sua vida”. Aqui, complementa-se a perspectiva de Franz, enquanto ela enfatiza a base coletiva e emocional dos arquétipos, Bettelheim revela

como esses mesmos elementos operam no plano individual, funcionando como ferramentas de autoconhecimento e cura.

A convergência entre essas duas perspectivas mostra que os contos de fadas atuam em um duplo movimento: por um lado, estão enraizados no solo fértil do inconsciente coletivo, e por outro, florescem de maneira única na experiência de cada indivíduo. Essa dialética entre universal e particular, entre arquétipo e experiência emocional concreta, é o que permite que narrativas aparentemente simples continuem a ressoar com tanta força. Os contos não apenas refletem padrões psíquicos universais, mas oferecem um espaço seguro em que crianças e adultos podem confrontar seus medos e conflitos internos. Quando Chapeuzinho Vermelho enfrenta o lobo ou quando a Bela aceita a Fera, não estamos apenas testemunhando manifestações arquetípicas, mas participando de um processo simbólico que, como apontam tanto Franz quanto Bettelheim, fala simultaneamente à nossa humanidade compartilhada e às nossas lutas mais íntimas.

## **2.1 Manifestações arquetípicas e seus impactos**

Quando possuímos um repertório mental que deixa registrado todo conto que tomamos conhecimento, é comum que façamos assimilações entre eles. Se procurarmos um pouco, conseguimos pensar em histórias que tomam rumos muito parecidos com outras ou com personagens que possuem uma personalidade semelhante a algum outro de outra história. Os arquétipos nos são apresentados na infância como simples e rotineiros – de modo que mal percebemos sua importância, mas quando se aproximam do nosso interior, explicitam os sentimentos mais profundos do nosso ser, como dito por Bettelheim: “À criança [...] os contos de fadas revelam verdades a respeito da humanidade e de si própria” (Bettelheim, 2024, p.97).

Para que algumas verdades sejam ditas às crianças sem que dificulte o processo de compreensão, os contos entregam a elas seus arquétipos como uma caixa de surpresas. No início, pode parecer algo direto e sem muita profundidade, como o simples fato do herói possuir uma mãe ausente ou uma madrasta com caráter duvidoso, mas, no decorrer da interpretação e aquisição de concepções internas, detalhes que parecem diretos e claros podem se mostrar muito mais complexos do que o esperado. Os conflitos que rodeiam as crianças podem ser enfrentados com o auxílio desses arquétipos. Dois excelentes exemplos que estão presentes em muitas histórias clássicas são: a *mãe boa* e a *mãe má*.

Os contos de fadas polarizam as personalidades dos seus personagens, assim, podemos perceber que as pessoas que são consideradas boas nessas histórias são muito boas e sua bondade permanece do início ao fim. O mesmo ocorre com as pessoas más. Não existe meio termo e, assim, conseguimos separar os heróis dos vilões, pois “No resgatador dos contos de fadas, as boas qualidades da mãe são tão exageradas quanto as más qualidades o foram na bruxa” (Bettelheim, 2024, p.101). Dessa forma, torna-se mais fácil e adaptada a forma como a criança é inserida no mundo, porque “[...] é assim que a criança experimenta o mundo: ou como inteiramente ditoso ou como um total inferno” (Bettelheim, 2024, p.101).

Para a criança, entender determinados conceitos pode ser um trabalho difícil. A percepção de que uma única pessoa pode causar emoções boas e ruins é um deles. O ego ferido é algo comum do ser humano, mas, quando adultos, sabemos lidar melhor com situações desse tipo, porém, enquanto crianças, essa compreensão não se faz presente em nosso ser. Sendo assim, o pensamento fantástico constitui um mecanismo eficaz para a interpretação e assimilação de determinadas experiências, funcionando como uma ferramenta cognitiva de mediação entre o sujeito e o mundo. A presença de Mães Boas e Más e Heróis e Vilões nas histórias mágicas, polariza o que sentimos e revela o poder da associação e identificação. A presença de Madrastas (Mães Más) e Fadas Madrinhas (Mães Boas) pode exemplificar como esse processo se manifesta na prática. Em algum momento da vida, uma criança vai se aborrecer com alguma atitude de sua mãe e isso irá lhe gerar uma emoção nova: a raiva.

No início, pode ser muito complexo compreender um sentimento tão oposto do que a criança está acostumada a sentir pela figura materna, mas, com auxílio dos contos de fadas, ela pode sentir facilidade em lidar com essa confusão de forma prática, separando a figura da mãe em duas. Bettelheim (2024, p. 98-99) traz um excelente exemplo ao contar uma história sobre uma garota que ao se aborrecer com a mãe quando criança, passou a acreditar que a mãe que a aborrecia estava sendo abduzida por um marciano, enquanto a mãe que lhe agradava era sua mãe de verdade. Essa separação permitiu com que a garotinha conseguisse lidar com suas frustrações e conflitos de forma fantasiosa, sem que comprometesse a relação mãe e filha, respeitando a mentalidade da idade. Sendo assim, “O conto de fadas é a cartilha em que a criança aprende a ler a sua mente na linguagem das imagens, a única linguagem que permite o entendimento antes de se atingir a maturidade intelectual” (Bettelheim, 2024, p.227), pois “O conto pode contribuir para o aprendizado da vida e para o desenvolvimento da percepção em assuntos de pequena e de grande monta” (Estés, 1999, p.12).

## 2.2 A mãe boa, a mãe má e outros arquétipos

Os conflitos edipianos<sup>4</sup> estão presentes na vida das crianças em determinada fase, é comum que os pequenos nutram sentimentos de maior apego por um genitor e ressentimento pelo outro. Tais conflitos são representados nos contos por meio de figuras como as seguintes: mãe, feiticeira, madrasta, fada madrinha, bruxa, rei, pai, gigante, monstro ou dragão. Todas essas personagens podem representar os genitores nas histórias de fadas. Em alguns momentos na infância, as crianças serão frustradas por seus pais por diversos fatores. Essas frustrações podem levá-las a sentimentos confusos os quais ainda não possuem repertório para lidar, nesse momento o conto de fadas entra em ação e “[...] mostra como pode viver com seus conflitos; sugere fantasias que ela nunca poderia inventar por conta própria” (Bettelheim, 2024, p.161). Embora a criança esteja acostumada com o afeto vindo de sua mãe, ao se deparar com uma frustração, ela enfrenta algo que não havia sido experienciado antes, como sentimentos paradoxais por uma mesma pessoa. “Do mesmo modo, embora a mãe seja, na maioria das vezes, protetora, dadivosa, ela pode se transformar na cruel madrasta se for má a ponto de negar ao menino algo que ele deseja” (Bettelheim, 2024, p.98).

Nos contos de fadas, as mães boas são apresentadas como aquelas que oferecem felicidade plena e proteção aos heróis. Elas podem aparecer como seres mágicos bondosos, como fadas madrinhas, fadas boas ou árvores encantadas. Em *A gata borralheira*, dos irmãos Grimm (1812), a mãe da heroína morre no início da história, mas deixa uma lição valiosa para a filha antes de partir: “Seja boa e obediente, pois assim nosso Deus amoroso irá sempre te ajudar, e eu estarei te vendo lá do céu e estarei perto de você” (Grimm, 1812). Dessa forma, a figura da mãe boa deixa o seu legado de bondade antes mesmo de morrer. Porém, a presença dela permanece na história com uma forma não humana. A Gata Borralheira pede ao pai, o qual viaja com frequência, que lhe traga uma semente de avelã ao voltar de alguma de suas viagens. Ao receber o presente pedido, a heroína planta a semente no túmulo da mãe e a rega com suas lágrimas. Dessa forma, cresce uma grande e bela aveleira, que passa a ser uma extensão de sua mãe, simbolizando a presença contínua do amor materno após a morte.

---

<sup>4</sup> “Na dissolução do complexo de Édipo, as quatro tendências em que ele consiste agrupar-se-ão de maneira a produzir uma identificação paterna e uma identificação materna. identificação paterna preservará a relação de objeto com a mãe, que pertencia ao complexo positivo e, ao mesmo tempo, substituirá a relação de objeto com o pai, que pertencia ao complexo invertido; o mesmo será verdade, *mutatis mutandis*, quanto à identificação materna. A intensidade relativa das duas identificações em qualquer indivíduo refletirá a preponderância nele de uma ou outra das duas disposições sexual” (Freud, 1923, p. 21).

A versão mais conhecida do conto da Gata Borralheira retrata a mãe boa como a Fada Madrinha que concede os desejos de Cinderela. No entanto, no conto dos irmãos Grimm, a árvore mágica desempenha este papel, carregando um significado mais forte com mais conexão com a primeira aparição da mãe boa. Podemos encontrar em Branca de Neve o mesmo padrão de introdução da mãe boa ao conto. A história se inicia apresentando a rainha de modo afetivo “Em um dia de inverno, quando os flocos de neve caíam como plumas do céu, uma rainha costurava sentada à janela [...]” (Grimm, 1812). Em seguida, a rainha demonstra amor por uma filha que ainda não há previsão de possuir, mas deseja: “Ah, se eu tivesse uma criança tão branca como essa neve [...]” (Grimm, 1812), o que mostra ao leitor o amor por sua filha que ainda não existe e enraíza suas características de mãe boa. Não muito tempo depois, a rainha tem uma filha, mas morre logo após o nascimento de sua menina, fato que se assemelha com o que ocorre em *A Gata borralheira*.

Em contrapartida, o mundo dos contos de fadas também apresenta à criança personagens que não são tão bondosos quanto a figura da mãe boa. Portanto, somos apresentados à mãe má. Completamente oposta a mãe boa, a mãe má frustra o herói e se torna uma grande rival no desenrolar das histórias. Apesar de, numa primeira impressão, concluirmos que a mãe má possui apenas qualidades duvidosas, essas personagens são extremamente importantes para a preservação da mãe boa. “A fantasia da madrasta má não só conserva intacta a mãe boa, como também impede os sentimentos de culpa em relação aos pensamentos e desejos coléricos a seu respeito” (Bettelheim, 2024, p.100). Sendo assim, a mãe má preserva a relação entre mãe e filho.

Em aspectos característicos, a mãe má costuma ser representada por madrastas e bruxas que tiram o herói da sua zona de conforto ou o colocam em situações desagradáveis que coloquem sua vida em risco. No conto da Branca de Neve, a madrasta aparece como uma figura perversa, possuída por vaidade, inveja e soberba que, ao descobrir que a enteada era considerada a mais bela do reino devido a revelação pelo oráculo, o espelho mágico, esta se enfurece e toma medidas extremas, ordenando ao caçador que leve a menina para o meio da floresta e mate-a, levando de volta ao castelo alguns dos órgãos da princesa como prova do feito (Grimm, 1812). Diferente da madrasta de Branca de Neve, a madrasta da Gata Borralheira não ameaça a vida da heroína, mas a trata com desprezo e elabora funções inúteis para a impedir de ir ao baile: “Despejei uma panela inteira de lentilhas nas cinzas; se você conseguir catá-las de novo em duas horas, poderá ir ao baile” (Grimm, 1812).

Além das funções desnecessárias, a madrasta da Gata Borralheira a frustra com frequência ao lhe proferir palavras duras, reforçando seus aspectos de mãe má. Apesar de se caracterizar de modo nada agradável, esses arquétipos instruem a criança a lidar da melhor maneira com suas decepções maternas. Os contos polarizam as características arquetípicas dessas personagens justamente para que a criança consiga dividir um genitor em duas personagens, facilitando o enfrentamento da frustração que está sendo vivida e das que ainda virão:

Essas fantasias ajudam; elas permitem que a criança tenha realmente raiva do impostor marciano ou do “falso pai” sem se sentir culpada. Tais fantasias tipicamente começam a surgir quando os sentimentos de culpa já são parte do modo como se constitui a personalidade da criança, e quando sentir raiva de um dos pais, ou pior, desprezá-lo traria consigo uma culpa difícil de administrar. Assim a divisão característica dos contos de fadas da mãe entre uma mãe boa (normalmente morta) e uma madrasta má é bastante apropriada para a criança. Não só é um meio de preservar uma mãe interior toda bondade quando a mãe verdadeira não o é, como também permite que se sinta raiva dessa “madrasta” má sem comprometer a boa vontade da mãe verdadeira que é vista como uma pessoa diferente. Assim, o conto de fadas sugere como a criança pode lidar com os sentimentos contraditórios que, de outro modo a esmagariam nesse estágio em que a habilidade para integrar emoções contraditórias está apenas começando (Bettelheim, 2024, p.100).

Semelhante a figuras maternas, a figura paterna também é representada nos contos de fadas. Embora seja de modo menos incisivo quanto as mães, as aparições que remetem à figura do pai podem ser interpretadas por reis, gigantes, monstros ou dragões.

No curso usual da vida familiar, o pai está frequentemente fora de casa, enquanto que a mãe, tendo parido e amamentado o filho, continua profundamente envolvida em todos os cuidados da criança. Como resultado, um menino pode facilmente fazer de conta que o pai não é tão importante assim em sua vida. [...] É por isso que a substituição de um “bom” pai verdadeiro por um padrasto mau é tão rara nos contos de fadas quanto é frequente a madrasta ruim (Bettelheim, 2024, p.164).

Sendo assim, a figura paterna possui suas possibilidades de representações arquetípicas que projetam os conflitos edípicos, mas, diferente da mãe, não existe o pai mau, pois na necessidade de enxergar um pai mau nas histórias de fadas, os filhos tendem a transferir essa visão para os monstros, gigantes ou dragões, pois “[...] o pai que bloqueia os desejos edípicos do menino, não é visto como uma personagem má dentro de casa” (Bettelheim, 2024, p.164). Por meio dessa polarização dos arquétipos das personagens, as crianças conseguem com mais facilidade enfrentarem seus conflitos edípicos sem que sintam culpa pelos sentimentos gerados

em cada situação. Pelo contrário, esses arquétipos podem fortalecer as relações dentro do lar, pois

Como tudo ocorre numa terra do nunca, a criança não precisa se sentir culpada ou angustiada por projetar o pai no papel de um dragão ou de um gigante ruim, ou a mãe no papel de uma madrasta ou bruxa desprezível. Fica mais fácil para a menina pequena amar seu pai verdadeiro porque seu ressentimento contra ele, devido a seu fracasso em preferi-la em detrimento da mãe, se explica por sua lamentável ineficácia (como ocorre com os pais nos contos de fadas), pela qual ninguém pode culpá-lo, uma vez que se deve a poderes superiores; além do mais, isso não a impedirá de conseguir seu príncipe. Uma menina pode amar ainda mais sua mãe porque joga toda a sua raiva sobre a mãe-competidora, que recebe o que merece – como a madrasta em “Branca de Neve”, que é forçada a calçar “sapatos de ferro em brasa e dançar até cair morta”. E Branca de Neve – e com ela a menina pequena – não precisa se sentir culpada porque seu amor pela mãe verdadeira (que precedeu à madrasta) nunca deixou de existir. O menino pode amar seu pai verdadeiro ainda mais depois de verter toda a raiva que sente por ele numa fantasia de destruição do dragão ou do gigante mau (Bettelheim, 2024, p.165).

Além dos arquétipos já apresentados, outro indispensável é o herói. A criança tende a se identificar com a figura do herói, pois, além de protagonista, o herói possui características que se assemelham com o pequeno leitor. Nas histórias de fadas, os heróis são destemidos, enfrentam provas provocadas pelas personagens más, precisam resolver desafios e passar por grandes evoluções durante a trama até que conquiste o seu final feliz. Alguns heróis costumam possuir pouca sabedoria, mas vão adquirindo experiências que os tornam sábios durante o processo, isso ocorre em razão de muitas crianças se sentirem dessa forma devido à inexperiência e falta de repertório de vida, o que é completamente normal, devido à idade. Além disso, por mais esperta que ela seja, ainda não está pronta para as complexidades do mundo, “Essa é a razão pela qual muitos contos de fadas começam com o herói sendo depreciado e considerado tolo. Esses são os sentimentos da criança acerca de si mesma, os quais são projetados [...] nos pais e irmãos mais velhos” (Bettelheim, 2024, p.150).

É dessa forma que o conto de fadas faz a criança se sentir vista e representada, utilizando de características semelhantes a ela. Dessa maneira, o pequeno leitor, além de se sentir representado, sente-se, também, encorajado, pois os heróis passam por um processo de amadurecimento em que eles se tornam capazes de enfrentarem suas próprias lutas e saírem vitoriosos, dignos de um final feliz. Sendo assim, “É somente com base nessa identificação é que a história pode encorajar a criança, fazendo-a perceber que sua visão depreciativa de si própria é errônea” (Bettelheim, 2024, p.151).

## CAPÍTULO III

### **3 CONTOS DE FADAS: UMA ANÁLISE DE BRANCA DE NEVE BASEADA EM BETTELHEIM**

Como foi possível observar ao longo deste estudo, os contos de fadas não se limitam a narrativas repletas de magia e fantasia, pois eles desempenham um papel fundamental no desenvolvimento emocional e psicológico das crianças, contribuindo para seu amadurecimento e emancipação. De acordo com Bettelheim (2024), essas histórias atuam de maneira sutil, utilizando a fantasia como um véu para transmitir ensinamentos profundos de forma acessível ao público infantil. O autor afirma que “o conto de fadas nunca nos confronta de modo direto [...]. Em vez disso, ajuda as crianças a desenvolverem o desejo de uma consciência mais elevada por intermédio daquilo que está implícito na história” (p. 49). Dessa forma, os contos operam de maneira indireta, permitindo que a criança assimile lições importantes sem se sentir pressionada ou moralizada, mas sim envolvida pelo encanto da narrativa.

Ao analisarmos essas histórias, percebemos que elas retratam, de maneira simbólica, conflitos e situações cotidianas enfrentados por muitas pessoas. No entanto, essas experiências são frequentemente exageradas ou revestidas de elementos fantásticos, o que facilita a compreensão e capta a atenção do leitor infantil. Como o público principal são as crianças, muitos contos abordam questões edípicas, seja do ponto de vista da criança em relação aos pais, seja dos pais em relação à criança. Bettelheim (2024) ressalta que “[...] assim como a relação da criança com os pais é cheia de problemas, também o é a relação dos pais com a criança, por isso muitos contos de fadas tocam também nos problemas edípicos daqueles” (p. 271). Assim, essas narrativas auxiliam as crianças a lidarem com sentimentos complexos, como rivalidade, medo e insegurança, oferecendo soluções simbólicas que as ajudam a superar tais desafios.

### 3.1 Branca de Neve

Um dos exemplos mais emblemáticos dessa abordagem é o conto *Branca de Neve*, uma história amplamente difundida e adaptada em diversas mídias. A narrativa da jovem branca como a neve, perseguida por uma madrasta invejosa e cruel, vai além de uma simples fábula sobre o bem e o mal. Segundo Bettelheim (2024), “[...] a história lida essencialmente com conflitos edipianos entre mãe e filha; com a infância; e, finalmente, com a adolescência [...]” (p. 281). Dessa forma, Branca de Neve é um dos contos mais ricos em simbolismo, abordando desde a rivalidade materna até o processo de amadurecimento e independência da protagonista. O autor ainda destaca que “os contos de fadas geralmente começam quando a vida da criança de certo modo chegou a um impasse” e que, no caso de Branca de Neve, “[...] não é nenhuma relação externa, como a pobreza, e sim as relações entre ela e os pais” (p. 281). Assim, a história reflete os desafios internos enfrentados pela criança ao lidar com figuras de autoridade e com a transição para a vida adulta, oferecendo um caminho simbólico para a resolução desses conflitos.

Os contos de fadas, especialmente aqueles que exploram dinâmicas familiares e questões edipianas, como *Branca de Neve*, funcionam como ferramentas poderosas no desenvolvimento psicológico infantil. Ao apresentar dilemas universais de maneira fantástica e acessível, essas narrativas permitem que as crianças processem emoções complexas e encontrem soluções para seus próprios conflitos, mesmo que de forma inconsciente. Como demonstra Bettelheim, a força dessas histórias reside justamente em sua capacidade de falar indiretamente com o leitor, guiando-o em sua jornada de autoconhecimento e crescimento emocional. Em muitos contos de fadas é comum que o herói viaje e sofra por um certo período antes de estar pronto para uma nova etapa de sua história. “Em ‘Branca de Neve’, são os anos que ela passa com os anões os que representam seu período de dificuldades, de enfrentamento dos problemas, seu período de crescimento” (Bettelheim, 2024, p.281).

### 3.2 A simbologia do sangue

No início da história de *Branca de Neve*, Grimm (1812) já apresenta elementos simbólicos profundos, como a cena em que a rainha, ao costurar, fere o dedo e três gotas de

sangue caem sobre a neve. Esse momento não apenas antecipa o nascimento da protagonista, mas também introduz temas como inocência e sexualidade. Bettelheim (2024) explica que “a inocência sexual – a brancura – é contrastada com o desejo sexual, simbolizado pelo sangue vermelho” (p. 282). O número três, associado ao inconsciente sexual, reforça a ideia de que o sangramento está ligado à concepção, ensinando indiretamente à criança que “nenhuma criança, nem mesmo ela, poderia nascer sem sangramento” (Bettelheim, 2024, p. 282). Dessa forma, o conto normaliza processos biológicos como a menstruação e a perda da virgindade, apresentando-os como parte natural da vida.

### 3.3 O narcisismo e a jornada de amadurecimento

A figura da madrasta em *Branca de Neve* só se torna uma antagonista quando a protagonista atinge os sete anos e logo em seguida precisa fugir de casa, marcando o início de sua maturação. Bettelheim (2024) destaca que “o narcisismo da madrasta é demonstrado pela busca de confirmação de sua beleza” (p. 282), comparando-a a Narciso, que “acabou tragado por seu amor a si” (Bettelheim, 2024, p. 283), enquanto Propp (2001) descreve o ato da heroína precisar sair de casa por causa da madrasta narcisista como uma das funções da personagem, sendo esta a *partida*, que é de extrema importância para o desenvolvimento da evolução psicológica da personagem. O narcisismo da rainha reflete um conflito edipiano ampliado: a madrasta vê Branca de Neve como uma ameaça, pois seu crescimento simboliza o próprio envelhecimento e a perda de poder. O autor ressalta que “o genitor narcisista é aquele que se sente mais ameaçado pelo crescimento de seu filho” (Bettelheim, 2024, p. 283), evidenciando como a história aborda tensões familiares universais, o que é reforçado por Jung (2016) que afirma que os efeitos traumáticos da mãe são representados nos contos com fantasia e realidade.

A narrativa também explora o narcisismo da própria Branca de Neve, que, ao ceder às tentações da madrasta disfarçada, quase é destruída por sua vaidade. Bettelheim (2024) alerta que “a história de Branca de Neve adverte sobre as consequências funestas do narcisismo tanto para os pais como para a criança” (p. 283) Enquanto a rainha é consumida por seu ego, Branca de Neve supera essa fase ao aprender com seus erros, simbolizando a transição da infância para a vida adulta. O conto, portanto, não apenas critica o autoenvolvimento excessivo, mas também mostra a importância da humildade e do crescimento emocional.

A ausência de detalhes sobre a vida de Branca de Neve antes de ser expulsa e sua relação com o pai sugere que o conto é narrado sob sua perspectiva infantil. Bettelheim (2024) afirma que “o conto de fadas não vê objetivamente o mundo [...], mas sim sob a perspectiva do herói” (p. 283) o que permite a criança leitora se identificar com os sentimentos da protagonista. O amor pelo pai é visto como natural, enquanto o ciúme da madrasta é incompreensível, refletindo a visão ingênua da infância. No entanto, como observa o autor, “[...] num nível pré-consciente, a criança sabe perfeitamente o quão ciumenta ela é da atenção que um dos genitores dedica ao outro” (Bettelheim, 2024, p. 283), revelando como o conto trabalha conflitos emocionais complexos de forma simbólica e acessível.

### **3.4 Projeção do ciúme e a dinâmica familiar**

No conto de *Branca de Neve*, a criança lida com sentimentos de ciúme e rivalidade de forma indireta, projetando suas próprias emoções nos pais. Bettelheim (2024) explica que, quando uma criança não consegue admitir seu ciúme em relação a um dos genitores – algo que ameaçaria sua sensação de segurança, ela transfere esses sentimentos para a figura parental. Assim, o pensamento inconsciente “Eu tenho ciúmes de todas as vantagens e prerrogativas de mamãe” se transforma na fantasia “Mamãe tem ciúmes de mim” (Bettelheim, 2024, p. 284). Essa inversão psicológica permite à criança lidar com emoções complexas sem confrontá-las diretamente, reforçando a ideia de que a madrasta narcisista, incapaz de oferecer um vínculo afetivo saudável, torna-se o recipiente ideal para essas projeções.

A ausência de uma figura materna positiva em Branca de Neve dificulta o processo de identificação da protagonista, essencial para a resolução saudável do complexo de Édipo. Bettelheim (2024) destaca que, quando a dedicação do genitor do mesmo sexo não é forte o suficiente para construir laços positivos, “o ciúme domina a vida emocional da criança” (p. 284). No caso de Branca de Neve, a madrasta narcisista, longe de ser uma figura com a qual ela possa se identificar, intensifica seus sentimentos de inferioridade, transformando-os defensivamente em uma sensação de superioridade, como sua beleza incontestável. O conto, portanto, ilustra a importância de relações parentais equilibradas para que a criança supere conflitos edípicos sem ser dominada por emoções negativas, encontrando caminhos simbólicos para amadurecer emocionalmente.

A dinâmica familiar em *Branca de Neve* é marcada pela projeção do ciúme e da rivalidade na figura da madrasta, que encarna os conflitos edípicos não resolvidos da protagonista. A ausência de uma mãe real acolhedora força Branca de Neve a lidar com esses sentimentos por meio da fantasia, transformando sua própria insegurança em uma suposta inveja da madrasta. O caçador, como representação ambivalente da figura paterna, o qual é simultaneamente submisso à rainha e protetor da jovem, revela a complexidade dessas relações familiares. O conto demonstra como os arquétipos presentes na narrativa permitem à criança processar simbolicamente essas tensões, oferecendo um caminho para superar os conflitos sem confrontá-los diretamente.

“Toda criança deseja em algum momento ser um príncipe ou uma princesa – e por vezes, inconscientemente, acredita sê-lo, tendo apenas sofrido um rebaixamento temporário devido às circunstâncias” (Bettelheim, 2024, p.286), analisando sob essa ótica, conseguimos entender a importância da representação de um herói que se assemelhe às crianças e, segundo Bettelheim, essa é uma das razões de haver tantos reis e rainhas nas histórias, pela significação do poder absoluto que se assemelha a posição que os genitores têm sobre os filhos. Isso também explica a existência do caçador em *Branca de Neve* como uma figura paterna que transmite força e proteção nos momentos em que a heroína está em perigo, pois “Em seus sonhos e devaneios, a criança é ameaçada e perseguida por animais ferozes, criações de seu medo e culpa. Segundo ela, apenas o pai-caçador pode espantar esses animais ameaçadores [...]” (Bettelheim, 2024, p.186).

### 3.5 Conflitos edipianos no período da puberdade

Assim como na vida real, no conto *Branca de Neve*, durante o período púbere, a criança tende a desejar um lar que não seja o seu por diversos fatores, entre eles está a rebeldia presente em contextos familiares. Em determinada idade, é comum que o cotidiano seja visto como insuportável ou tedioso. Isso nos contos pode ser representado por meio da fuga do herói para uma outra casa. As narrativas, *João e Maria* e *Branca de Neve* são exemplos disso, ao mesmo tempo em que os dois irmãos fogem para uma casa feita de gostosuras, a princesa vai para uma casa onde moram pequenos anões. Em ambas as histórias, os heróis transportam-se para um lar que não são os seus e neles encontram proteção temporária, mas, sem tardar, ficam expostos novamente a perigos que já eram enfrentados. “Enquanto que a experiência de Branca de Neve

com uma casa que não é seu lar é menos assustadora do que a de João e Maria, ela também não dá muito certo. Os anões são incapazes de protegê-la e a mãe continua a ter um poder sobre ela[...]” (Bettelheim, 2024, p.289). Dessa forma, a história mostra que:

Não podemos nos libertar do impacto dos pais e de nossos sentimentos a seu respeito fugindo de casa, embora esse pareça o caminho mais fácil. Só conseguimos ganhar independência elaborando nossos conflitos íntimos, os quais as crianças normalmente tentam projetar nos pais. (Bettelheim, 2024, p.289).

### **3.6 A maturidade demonstrada nas ações**

A dualidade mostrada na personalidade de Branca de Neve é uma das características que mais a humaniza e permite com que a personagem se aproxime do leitor. A pequena menina mostra, em suas atitudes, que tem impulsos controlados, ao não devorar toda a comida dos anões, mas que também tem seus pontos fracos, demonstrados quando cede aos encantos da madrasta disfarçada de bruxa ao lhe oferecer uma maçã. De acordo com Bettelheim, o ouvinte se integra a essas percepções em relação à personagem sem que perceba. Assim, Branca de neve

[...] mostra que também já aprendeu a controlar até certo ponto os impulsos do id e a submetê-los às exigências do superego. Descobrimos que seu ego também amadureceu, uma vez que agora ela trabalha duro e bem, e compartilha coisas com os outros (Bettelheim, 2024, p.291).

### **3.7 Os anões e a consciência pré-púbere**

Como podemos perceber, diferentemente de outros seres encantados, os anões são os únicos que não possuem uma representação feminina. Eles são “[...] eminentemente machos, mas machos que têm o seu desenvolvimento interrompido” (Bettelheim, 2024, p.292). A maneira que os pequenos homens levam a vida revela uma existência livre de conflitos interiores, pois a dedicam a um “[...] círculo de imutável trabalho no interior da terra, assim como os planetas circulam infundavelmente numa órbita imutável no céu” (Bettelheim, 2024, p.292). Sendo assim,

Essa ausência de mudança ou mesmo de qualquer desejo dela é o que torna sua existência semelhante à da criança pré-púbere. E é por isso que os anões não compreendem nem simpatizam com as pressões internas que tornam impossível para Branca de Neve resistir às tentações da rainha. São os conflitos que nos deixam insatisfeitos com nosso modo de vida atual e nos induzem a encontrar outras soluções; se estivéssemos isentos deles, nunca

correríamos os riscos que estão envolvidos na passagem para uma forma de viver diferente e, assim esperamos, mais elevada (Bettelheim, 2024, p.192).

### 3.8 A rainha, a princesa e a adolescência

A relação entre Branca de Neve e sua madrasta, instigada por uma competição que transcende a mera rivalidade, revela-se como um rico retrato dos conflitos intergeracionais e das complexidades da adolescência feminina. Enquanto os anões representam uma existência livre das turbulências dessa fase, Branca de Neve personifica justamente as vulnerabilidades e contradições típicas da transição para a vida adulta. A protagonista não age por ingenuidade ao sucumbir às tentações da rainha, mas movida por desejos internos que a aproximam da antagonista. Como observa Bettelheim (2024, p.293), “A presteza com que Branca de Neve se deixa repetidamente tentar pela madrasta, apesar das advertências dos anões, sugere o quão próximas as tentações daquela estão de seus desejos íntimos”. Essa dinâmica evidencia como os repetidos conselhos dos anões – figuras paternas protetoras – mostram-se ineficazes diante dos anseios pulsantes da adolescência.

O episódio do cordão (ou espartilho, conforme as versões) constitui um momento crucial para compreender a representação da adolescência no conto. Este adereço, historicamente associado ao vestuário feminino, serve como metáfora do despertar da sexualidade e da vaidade juvenil. Bettelheim (2024, p.194) afirma que “Isso torna claro que a essa altura Branca de Neve é uma adolescente bem desenvolvida e, de acordo com a moda de tempos idos, necessitada de e interessada nos cordões”. Contudo, o que poderia ser um símbolo de afirmação feminina transforma-se em instrumento de opressão quando a rainha, disfarçada de vendedora, utiliza o acessório para asfixiar a jovem: “A velha amarrou tão rápido e tão apertado que Branca de Neve ficou sem ar e, parecendo já sem vida, tombou no chão” (Grimm, 1812). Essa cena reveladora demonstra como os próprios desejos da protagonista podem tornar-se armas contra si mesma, estabelecendo uma perturbadora cumplicidade entre vítima e agressora. Como bem aponta Bettelheim (2024, p.194), “Como é a própria vaidade de Branca de Neve que a seduz para que se deixe espartilhar, ela e a madrasta vaidosa têm muito em comum”, destacando o paradoxo de que os elementos que constituem a identidade emergente da adolescente são justamente os que a colocam em perigo.

Parece que os conflitos e desejos adolescentes de Branca de Neve são a sua ruína. Mas, para o conto de fadas, isso não é o bastante, é prossegue ensinando à criança uma lição ainda mais significativa: sem ter experimentado o

dominado aqueles perigos que surgem com o crescimento, Branca de Neve jamais se inicia a seu príncipe (Bettelheim, 2024, p.194).

### 3.9 A simbologia da maçã

No universo simbólico de Branca de Neve, a maçã emerge como elemento central, carregando significados profundos que transcendem sua aparência de fruto envenenado. Este ícone, recorrente em mitologias e narrativas bíblicas, assume no conto uma dualidade significativa: se por um lado representa a morte aparente, por outro revela-se como veículo de transformação psicológica. Como observa Bettelheim (2024, p. 295), “[...] é algo que mãe e filha têm em comum e que é ainda mais profundo do que o ciúme que cada uma tem da outra – seus desejos sexuais mais maduros”, evidenciando como o objeto materializa os conflitos inconscientes compartilhados entre as personagens.

A própria identidade da protagonista, “Branca como a neve, vermelha como o sangue”, encapsula esta dicotomia fundamental. Bettelheim (2024, p. 295) esclarece que “[...] ela é branca como a neve e vermelha como o sangue, isto é, seu ser tem a um tempo seu aspecto assexuado e seu aspecto erótico”. O ato de ingerir a parte vermelha da maçã marca, portanto, não apenas uma queda simbólica, mas uma transição necessária. O vermelho da fruta, conforme analisa Bettelheim (2024, p.296), “evoca associações sexuais, como as três gotas de sangue que levaram ao nascimento de Branca de neve, e também a menstruação, um acontecimento que marca o começo da maturidade sexual”, estabelecendo uma conexão orgânica entre os ciclos naturais do corpo feminino e a jornada de amadurecimento.

O período de “morte” simbólica no caixão de vidro constitui uma poderosa metáfora do processo de gestação psicológica. A presença dos três pássaros, que são citados em algumas versões – coruja, corvo e pomba, conforme interpreta Bettelheim (2024, p.296), sugere a simbolização da sabedoria, consciência madura e o amor, indicando que este aparente estado de inércia representa, na verdade, uma fase crucial de preparação interior. O caixão transparente, permitindo a contemplação da jovem em seu estado liminar, simboliza a natureza pública e ao mesmo tempo íntima desta transformação adolescente.

Através desta narrativa, compreendemos que a maturidade biológica não equivale automaticamente à preparação emocional para a vida adulta. O conto demonstra como a verdadeira transição exige um processo de gestação psicológica, em que os conflitos da infância

e adolescência devem ser adequadamente elaborados antes que nova identidade possa emergir. A maçã, portanto, longe de ser simples instrumento de morte, revela-se como elemento catalisador desta necessária metamorfose, marcando a passagem da inocência infantil para a complexidade da maturidade.

Os contos de fadas revelam, por meio de símbolos cruciais, que a jornada para a maturidade exige o confronto e a superação dos aspectos destrutivos da psique. A análise de Bettelheim revela como eles, particularmente *Branca de Neve*, codificam em tais símbolos os processos universais de amadurecimento psicológico. A relação antagônica entre princesa e rainha madrasta transcende uma simples rivalidade, configurando-se como metáfora do conflito edipiano não resolvido e da transição adolescente. A morte simbólica da rainha vaidosa, assim como o sono profundo da protagonista, não representa finais, mas transformações necessárias: apenas quando as paixões descontroladas são dominadas (como o ciúme que “destrói a si próprio”) é possível alcançar um estado de equilíbrio entre inocência e desejo, entre o branco e o vermelho. De acordo com Bettelheim, essas narrativas ensinam que o verdadeiro “felizes para sempre” surge não da eliminação dos conflitos, mas da integração consciente das sombras interiores, permitindo um renascimento psicológico rumo à autorrealização. Por fim, “Essas histórias também convencem o ouvinte de que não precisa ter medo de renunciar a sua posição infantil de dependência dos outros [...]” (Bettelheim, 2024, p.298) pois, assim que passar pela transição, ele passará a ter uma existência feliz e plena.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, foi possível explorar a profunda relação entre os contos de fadas e o desenvolvimento emocional, social e psicológico do ser humano, com ênfase na infância. Como demonstrado, essas narrativas transcendem seu caráter lúdico e fantasioso, atuando como ferramentas simbólicas que auxiliam crianças a enfrentarem conflitos internos, elaborarem dilemas éticos e construírem uma visão mais estruturada da realidade. Por meio da análise de obras como *Branca de Neve*, evidenciou-se como os arquétipos, a estrutura narrativa e os elementos fantásticos dos contos operam como mecanismos de resiliência e autoconhecimento.

A pesquisa confirmou a tese de que os contos de fadas não oferecem respostas prontas, mas criam um espaço seguro para que o leitor, especialmente a criança, encontre suas próprias soluções. Tendo em vista que a criança não possui repertório de vida o suficiente para lidar com conflitos jamais enfrentados antes, os contos mostram-se como verdadeiros auxiliares na descoberta do mundo ao redor e suas possibilidades de enfrentamento aos desafios. Como destacado por Bettelheim (2024), essas histórias falam diretamente ao inconsciente, permitindo que medos, angústias e desejos sejam processados de forma indireta e simbólica. A polarização entre figuras como a mãe boa e a mãe má, ou entre o herói e o vilão, por exemplo, facilita a compreensão de emoções contraditórias, enquanto a jornada de superação das personagens reforça a mensagem de que adversidades podem ser vencidas com perseverança e maturidade.

Além disso, a abordagem de Propp (2001) sobre a estrutura dos contos maravilhosos revelou como essas narrativas seguem padrões universais que refletem processos psíquicos comuns a todas as culturas. A presença de arquétipos junguianos como o herói e a sombra, reforçam a ideia de que os contos de fadas são manifestações do inconsciente coletivo, capazes de ecoar em diferentes gerações justamente por tocarem em questões fundamentais da condição humana. O que também explica como os contos se mantêm até os dias atuais com tanta influência e relevância na sociedade com um impacto ainda maior na vida daqueles que optam por adquirí-los em seu repertório literário. Todas essas questões estão diretamente ligadas ao fato de que se o leitor se identificar intimamente com a história, ela poderá oferecer-lhe direções que antes não estavam ao seu alcance.

No contexto infantil, os contos cumprem um papel pedagógico e terapêutico indispensável, pois “as imagens e as fantasias propiciam uma linguagem interior para o nosso

sentimento.” (Vygotsky, 2009, p.25). Sendo assim, eles não apenas estimulam a imaginação e a criatividade, mas também ajudam a criança a lidar com sentimentos complexos, como medo, culpa e rivalidade edipiana, sem a necessidade de confrontá-los diretamente. Desse modo, a criança passa de um contexto imaturo e inicia a construção de sua maturidade psicológica com maiores referências direcionais. Como visto na análise de *Branca de Neve*, a história oferece um caminho simbólico para elaborar conflitos familiares e conseguir resolvê-los com maior facilidade.

Por fim, este estudo reafirma a importância da literatura infantojuvenil como instrumento de formação humana. Os contos de fadas, com sua riqueza simbólica e resistência ao tempo, continuam a ser relevantes não apenas como entretenimento, mas como fontes de reflexão e crescimento pessoal. Eles acompanham o leitor em diferentes fases da vida, ressignificando-se conforme suas necessidades emocionais e intelectuais. Como afirma Estés (1999), a essência dessas histórias permanece viva, assim como o rizoma de uma planta – invisível na superfície, mas sempre presente, pronto a florescer quando necessário. Em síntese, os contos de fadas são mais do que histórias: são mapas simbólicos que guiam o ser humano em sua jornada de autodescoberta, oferecendo-lhe as ferramentas necessárias para enfrentar os lobos, construir suas casas de tijolos e, ao final, emergir não apenas vivo, mas transformado.

## REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2024.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Contos dos irmãos Grimm**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

FRANZ, Marie-Louise von. **A interpretação dos contos de fada**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1990.

FREUD, Sigmund. **O ego e o id**. Rio de Janeiro: Imago, 1923.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2016.

PERRAULT, Charles et al. **Princesas dark**. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2022.

PROPP, Vladimir I. **Morfologia do conto maravilhoso**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores**. São Paulo: Ática, 2009.

ANEXOS – Imagens do conto *Branca de Neve*

